

J . A . R E D M E R S K I

NA COMPANHIA DE ASSASSINOS LIVRO 3

O CISNE
E O *Chacal*

Tradução
Michele Vartuli



Copyright © 2014 by J. A. Redmerski
Todos os direitos reservados, incluindo a reprodução total ou parcial em qualquer forma.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Swan and the Jackal

Capa
Marianne Lépine sobre layout original de Michelle Monique Photography

Imagem de capa
Mayer George/Shutterstock

Preparação
Rayssa Galvão

Revisão
Emanuella Gonçalves
Sheila Louzada
Rachel Rimas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Redmerski, J. A.
O cisne e o chagal / J. A. Redmerski ; tradução Michele Vartuli. – Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2016.
(Na companhia de assassinos; 3)

Título original: *The Swan and the Jackal*

ISBN 978-85-5651-004-4

1. Ficção norte-americana 2. Suspense – Ficção I. Título.

16-00628

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2016]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Cosme Velho, 103
22241-090 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Caro leitor,

O que você vai ler em seguida *não* é um romance. *Não* é uma história de amor convencional. *Não* é literatura erótica. *Não* é um título do gênero New Adult. Assim como com todos os livros desta série, por favor, não tente lê-lo com qualquer uma das expectativas acima. A série Na Companhia de Assassinos só pode ser definida como Crime, Suspense, Thriller, Mistério, Thriller Psicológico e, às vezes, Suspense Romântico — sim, a série tem elementos de amor, romance e erotismo, mas não o suficiente para se encaixar nessas categorias.

Quando querem escrever sobre outros assuntos, alguns autores optam por assinar com pseudônimo. Por muitos motivos, essa é uma escolha muito inteligente. Estou correndo um risco ao manter meu nome para escrever diversos gêneros. É um risco porque alguns dos meus leitores podem supor que tudo o que escrevo será o mesmo que estão acostumados a receber de mim. Mas não é verdade. Eu escrevo muitos gêneros diferentes. Já publiquei Young Adult/Romance Paranormal, New Adult/Romance Contemporâneo, Fantasia Contemporânea e Crime/Suspense, tudo sob minha assinatura, J. A. Redmerski — e vou continuar a escrever vários gêneros usando esse nome. Tudo o que peço é que, antes de abrir qualquer um de meus livros, por favor, verifique se é o gênero que está com vontade de ler. Isso vai lhe poupar a decepção de não ser o que você esperava e me poupar de receber resenhas “decepcionadas”.

Se alguma vez você ficar em dúvida sobre qual é o gênero de algum de meus livros, a maneira mais rápida e simples de descobrir é entrando em meu site, www.jessicaredmerski.com [em inglês], clicando na guia **Livros** e consultando a página do título em questão. A página dirá qual é o gênero — o primeiro listado é o principal — bem abaixo do banner, ao lado da data de publicação.

Muito obrigada pelo apoio constante ao meu trabalho! E boa leitura!

Um abraço,
J. A. Redmerski

Playlist

Connie Francis – “Where the Boys Are”

Connie Francis – “Fallin’”

Duffy – “Mercy”

Kendra Morris – “Wicked Game”

vAST – “Winter in My Heart”

vAST – “Don’t Take Your Love Away”

Arcana – “Wings of Gabriel”

Christina Aguilera – “Bound to You”

PRÓLOGO

Seis anos atrás...

Há sangue na mobília e espalhado pela parede, uma linda cor escarlate que só o sangue tem, contrastando com o ladrilho branco, brilhante mesmo na escuridão da sala. Aquilo não foi feito por uma arma de fogo.

O corpo seminu da mulher, caído de costas no chão e mergulhado em uma poça funda e escura da gosma escarlate, foi atacado por um punhal. Bem afiado. Provavelmente com uma lâmina curva e uma gravação no metal que diz: *Saboreie os doces espinhos dos meus lábios*. Mas esse ferimento... Estou muito familiarizado com o trabalho. O corte na base do pescoço, logo acima dos ossos dos ombros. Seraphina, minha esposa, esteve aqui. Momentos atrás. Ainda sinto seu perfume no ar.

Eu a sigo há meses, desde o dia em que passei a acreditar que ela estava me traindo durante todo o tempo que dizia me amar. Mas antes disso ela já traía meu chefe, Vonnegut, e nossa Ordem: trabalhava para outro empregador e passava informações para nosso concorrente.

Eu não podia deixar que ela morresse pelo que havia feito. Queria ajudá-la, mudá-la, fazê-la escolher um lado, o *meu* lado. Por isso, comecei a trabalhar com ela contra Vonnegut. Trair a Ordem era a maior deslealdade de todas, uma sentença de morte certa. Mas o amor vinha em primeiro lugar.

O amor *sempre* vem em primeiro lugar.

Mas aprendi do jeito mais difícil que o amor é cruel, perigoso e mais perverso do que um homem como eu pode ser. Porque, no fim das contas, Seraphina me enganou. Depois de tudo o que passamos. Ela jogou tudo fora.

Esta noite, vou encontrá-la. E vou matá-la.

Ergo o corpo, lembrando-me da marquinha marrom no ventre da mulher, perto do quadril. Eu me lembro do formato de suas coxas esbeltas,

a sensação de tê-las nas mãos enquanto a fodia e Seraphina assistia. Sempre foi nosso fetiche, algo que adorávamos. Sexo sombrio e proibido.

Esse corpo é o segundo que encontro em dois dias. Ambos de mulheres que Seraphina e eu já compartilhamos. Mulheres destinadas a sofrer esse fim brutal no instante em que o ciúme de Seraphina enfim fosse ativado e somado à necessidade de se vingar de mim, por desvendar seus segredos e não acreditar mais em suas mentiras. Essas mulheres mortas são mensagens. *Venha me encontrar*, dizem. *Não estou me escondendo, meu amor, só curtindo o jogo*, é o que ela está me dizendo.

Seraphina sempre curtiu o jogo. Eu também. Só que agora sei que preciso acabar com ele. E preciso ganhar.

Solto o corpo, que cai no carpete encharcado. Quando fico de pé outra vez, surgem faróis do outro lado da rua, um brilho ofuscante preenchendo a grande janela da sala, iluminando as cortinas brancas que a cobrem. Um motor acelera. *Vem me pegar*, Seraphina está me dizendo. Com a arma na mão, eu ando depressa — não corro —, saindo pela porta da frente para o ar frio. Ergo a arma à minha frente, apontando para o carro ao me aproximar dele, sem hesitar. Um cachorro feroz late no quintal da casa da esquina, se jogando com violência contra a cerca de arame. Dentes à mostra. Sanguinário. Como todos os animais, ele reconhece o mal quando o vê.

— O que você está fazendo, Seraphina? — pergunto ao me aproximar do carro, a voz baixa e ameaçadora, a arma ainda apontada para ela, o dedo no gatilho. — Isso é vil demais, até para você.

Seraphina sorri do banco do motorista, os dedos longos e finos segurando o volante. Os cabelos pretos, brilhosos e curtos, na altura das bochechas, estão sempre perfeitos, nem um fio fora do lugar, até em momentos como este.

O eco de sirenes ao longe adentra meus ouvidos, e viro a cabeça em direção ao som. Então, ouço batidas. *Tum, tum, tum, BANG!* Vêm do porta-malas. Meus olhos passam depressa dele para Seraphina e novamente para a rua de onde vêm as sirenes, ao sul. Não consigo decidir o que é mais urgente.

— O que você vai fazer? — provoca Seraphina, com um sorriso tão perverso que até transpira um ar de confiança. Ela sabe: neste momento, está no controle. Mesmo tendo uma arma apontada para seu lindo rosto, ela *me controla*.

Respiro fundo e olho de novo para trás, imaginando que os carros de polícia vão aparecer a qualquer momento. As sirenes estão se aproximando, mas ainda não vejo os clarões irregulares das luzes na escuridão da madrugada. Ainda tenho algum tempo, mas apenas segundos.

Olho outra vez para Seraphina no carro. Minha respiração é visível no ar do inverno.

— Eu vou dar o que você quer — diz ela, mudando o discurso para algo mais sério e menos provocador. — Mas você precisa me ouvir até o fim, cara-lho. Entendeu, Fredrik?

Sinto os dentes rangendo, as narinas inflando, os ossos da mão doendo por apertar o cabo da arma com uma força esmagadora.

Nós encaramos os olhos frios e escuros um do outro uma última vez, então ela pisa no acelerador e vai embora. Com relutância, baixo a arma e solto o ar em um suspiro longo e profundo de derrota e fúria. Seraphina sabe que não posso matá-la até obter informações. É uma necessidade obsessivo-compulsiva: a informação deve vir primeiro, ou nunca mais vou conseguir dormir. Ninguém além de Seraphina sabe que torturo e interrogo criminosos desde que a conheci, nem mesmo meu ex-chefe, Vonnegut. Foi ela quem me apresentou a esse mundo. Foi ela quem... me deu uma válvula de escape para minha maior imperfeição como ser humano. Seraphina me ajudou e, por isso, mas não apenas por isso, sabe que não posso matá-la. Pelo menos ainda não.

Com apenas segundos sobrando, enfio a arma na parte de trás da calça e me afasto depressa pela calçada, desaparecendo entre as sombras das árvores que ladeiam a rua. Sigo para meu carro, estacionado a quatro quarteirões dali. Deixo para trás a casa com a mulher morta, bem como a polícia, que está vindo da direção oposta.

Seraphina quer falar. Depois de todo esse tempo fugindo de mim, escondendo tudo o que fazia pelas minhas costas, ela finalmente quer falar. Serão mais mentiras? Será seu jeito de me afastar, para que eu a deixe viver em paz? Para se ver livre de mim? Só que esse não é o estilo dela. Seraphina é tão sádica quanto eu, por isso a amo tanto. Implorar por sua vida, até mesmo da maneira mais sardônica, é muito fora do normal para ela.

Há algo mais.

Chego à nossa casa, em Boston, em menos de trinta minutos, e o carro dela está estacionado na frente. Como essa mulher é corajosa, como é desafiadora e destemida! Seraphina sabe o que vou fazer com ela. Sabe o quanto vou gostar, e sabe que nem mesmo *ela* está imune, agora que me traiu de maneira tão imperdoável.

Estaciono ao lado do carro dela e, antes que eu desligue a ignição, meus olhos percorrem o porta-malas, lembrando os sons que ouvi. Mas isso não importa no momento.

Bato a porta do carro com força, subo a escada correndo e entro na casa.

— Seraphina! — grito, ao fechar a porta e começar minha busca.

No fundo da minha mente, sei muito bem onde encontrá-la: no porão, onde ficam minha cadeira e minhas ferramentas de interrogatório.

A porta está entreaberta.

Eu a empuro. A porta se abre sem barulho. Não perco tempo e desço os degraus de concreto. Uma única lâmpada brilha a distância, lançando feixes fracos de luz nos degraus. O som familiar de uma mulher gemendo vai aos poucos penetrando meus ouvidos. Mas esse é outro tipo de gemido. Não é o de prazer sexual; é de medo e dor.

Encontro Seraphina, em toda a sua glória sombria e sinistra. Uma mulher de camiseta larga e calcinha está amarrada na minha cadeira de interrogatório — uma velha cadeira de dentista — com uma mordança na boca. O sangue ainda está úmido em seu cabelo longo e desgrenhado, tingindo de vermelho o louro logo acima da testa, o que indica que ela foi golpeada na cabeça. Lágrimas escorrem de seus olhos arregalados e assustados, fazendo o rímel borrar e escorrer pelas bochechas vermelhas. Era ela no porta-malas.

Um pouco afastada, Seraphina sorri para mim. É um sorriso muito amoroso, mas também macabro. O punhal pende da mão na altura da coxa, que está coberta por um macacão preto e justo. As botas pretas com salto quinze parecem fazê-la se agigantar sobre a mulher assustada. Mas eu não me lembro dessa mulher. Não é nenhuma das que Seraphina e eu já possuímos.

— Por que está fazendo isso, Seraphina? — Eu me aproximo devagar. — Por que trouxe esta garota aqui? Quem é ela?

Não somos assassinos frios e sanguinários, pelo menos não de garotas inocentes. Nunca fizemos algo assim com uma mulher que não quisesse — a menos que fosse um alvo. Seraphina foi longe demais, e eu não gosto disso.

Ela estala a língua e encosta a lâmina no pescoço da mulher.

— Não chegue muito perto, amor — avisa, balançando o dedo indicador da outra mão. — É ela quem tem informações. É com ela que você quer falar.

Percebo que o motivo disso não é sexo. É muito mais.

Confuso, mas completamente envolvido, eu me agacho e, com muito cuidado, coloco a arma no chão, perto dos meus sapatos de couro surrados. Então, me levanto devagar, com as mãos na altura dos ombros, para mostrar que não vou tentar nada. Os olhos da loura ficam mais arregalados, indo de mim para Seraphina, embora a cabeça, presa na cadeira por uma correia de couro, não permita que ela veja muito da minha esposa, posicionada atrás dela.

Os olhos de Seraphina, por um breve instante, se desviam em direção à cadeira de madeira encostada na parede à minha esquerda. É uma indicação

para que eu me sente, então pego a cadeira e a arrasto até a luz. Eu me sento, cruzando as pernas e apoiando as mãos sobre elas.

— Por que preciso falar com ela? — pergunto, calmamente.

— Porque ela é o motivo de estarmos aqui — responde Seraphina, afastando lentamente a lâmina do pescoço da mulher. — Ela é o motivo de eu ser o que sou. E, da mesma forma que eu ajudei a matar aquele porco desgraçado que te estuprou quando você era criança, agora você vai me ajudar com *ela*. — Seraphina aponta o punhal para a mulher. — Porque você tem uma dívida comigo, Fredrik, assim como *ela*.

Fico em silêncio por um longo momento, tentando absorver essas palavras, buscando entender alguma coisa, compreender como essa mulher teria alguma relação com o motivo de Seraphina me trair. De trair a Ordem. Quero preencher os detalhes que ela já me deu e ter alguma ideia do rumo que isso vai tomar antes de me pronunciar. Porque gosto de estar no controle desde o início. Sempre. Só que, desta vez, estou começando a achar que não vai ser assim.

Não estar no controle me deixa muito ansioso.

— Por que esta mulher tem uma dívida com você? O que ela fez?

Os olhos de Seraphina, carregados de maquiagem escura, exibem o brilho de um sorriso. Ela estende a mão e toca os cabelos da mulher, acariciando as pontas entre os dedos com gestos suaves e maternais.

— Tão loura. Tão linda. — Então sua mão se levanta em um movimento rápido e atinge a bochecha da mulher. O som seco de bofetada rasga o ar. — Odeio louras. Sempre odiei. Mas estou procurando esta em especial há *anos*, Fredrik. Por causa do que ela fez comigo.

— O que ela fez?

Ela dá outro tapa na mulher, e sangue começa a escorrer de seu nariz. As mãos da loura tremem nas amarras de couro que as prendem aos braços da cadeira. Os músculos das pernas se enrijecem e relaxam sem parar quando ela se agita. Seus olhos imploram para que eu a ajude. Não consigo dizer que não estou aqui para salvá-la, que sou um canalha desalmado que só precisa de respostas. Mas é a verdade. Não *quero* que a mulher morra, e, se puder impedir que Seraphina a mate, é o que vou fazer, mas infelizmente ela não é a minha prioridade. E, mesmo se ela morrer, vou dormir sossegado.

Sim, eu sou um monstro.

— Por que não pergunta para ela? — retruca Seraphina, indo para a frente da mulher e puxando a mordaca.

— POR FAVOR! POR FAVOR, ME SOLTA! — Os gritos da mulher perfuram meus ouvidos, enchendo meus sentidos de dor e sofrimento.

Eu só sinto essa dor quando a vítima é inocente, digo a mim mesmo, como já disse muitas vezes antes. É como sei quando alguém está mentindo. É como sei, quando estou torturando uma vítima na minha cadeira, se ela merece ser libertada ou não. É um instinto que só meu coração conhece, mas às vezes a mente se recusa a lhe dar ouvidos.

Eu só sinto essa dor quando a vítima é inocente...

Ela se agita com violência na cadeira, tentando, em vão, se libertar.

— P-por favor... eu estou *implorando...* *por favor*, me solta! — Os soluços irrompem de seu peito, fazendo todo o corpo tremer.

Quando Seraphina está prestes a golpear o rosto da mulher com o cabo do punhal, eu me levanto e a seguro. Ela resiste, dando socos no ar e tentando me acertar, e eu seguro suas mãos, prendendo-as contra seu peito. Ouço o punhal tilintando no chão de concreto. Então, pontos pretos surgem diante de meus olhos, acompanhados por uma dor cegante, após Seraphina me acertar em cheio com a parte de trás da cabeça. Eu a solto instintivamente, balançando a cabeça para voltar a enxergar. Finalmente, segundos depois, me recupero, mas Seraphina já está com o punhal na mão de novo, atacando a mulher.

— SERAPHINA! PARE!

Mas é tarde demais.

O tempo para. *Tudo* para. Minhas respostas, se é que de fato viriam dessa desconhecida, escorrem da garganta dela junto com o sangue que desce por seu peito.

Cambaleio e desabo outra vez na cadeira, derrotado. De onde estou, vejo a mulher, seus olhos se enevoando, as pálpebras tremulando de um jeito suave, mas chocante. Impotente, eu a observo engasgar, o corpo lutando para conservar o último suspiro, e o peito ensanguentado arfando em desespero.

Então seus dedos relaxam sobre os braços da cadeira. Os olhos mortos, cheios de nada, fitam o teto. O sangue escorre da cadeira até uma poça escura abaixo do corpo. O fluxo não para. Eu me pergunto quanto sangue tinha naquela mulher.

Suspiro de dor e remorso e fecho os olhos devagar.

Só sinto essa dor quando a vítima é inocente.

Seraphina, em pé e de costas para mim, finalmente se vira. A boca macia e succulenta está entreaberta. Um quê de confusão e talvez até de remorso se agita em seus olhos castanhos. Ela olha para as mãos, a direita segurando o punhal

ensanguentado, então solta a arma como se fosse uma coisa suja, perversa. Seraphina ergue as mãos e as encara, como se estivesse se perguntando como foi capaz de fazer isso. Como foi *capaz* de fazer isso? Não entendo. Seraphina é uma assassina. Uma carrasca. Suas mãos ceifaram muitas vidas. Mas a maioria dessas mortes foi merecida. As três mulheres que ela matou desde ontem foram as primeiras assassinadas a sangue-frio — ao menos que eu saiba.

Foi por minha causa? Será que eu tenho alguma culpa nessa loucura?

Não. Ela *já* estava louca. Era uma escrota sádica quando nos conhecemos, quando me apaixonei por ela. Mas *isso*? O que estou testemunhando...

Estou confuso pra cacete...

— Não foi ela — anuncia Seraphina, com a voz trêmula.

Ela olha para as mãos de novo, uma delas coberta de sangue, depois me encara outra vez.

— Sinto muito, Fredrik. — Lágrimas começam a escorrer de seu rosto. — Sinto muito.

Ela cai de joelhos no chão de concreto e afunda o rosto nas mãos, soluçando.

Corro até Seraphina e a envolvo em meus braços, pressionando-a contra o peito. Eu a embalo, apertando os lábios no cabelo preto, e ela chora. Eu a deixo chorar, mas não posso permitir que continue por muito tempo. Preciso de respostas, agora mais do que nunca. Preciso saber tudo.

— Me conte, amor — sussurro —, me conte quem você achou que ela fosse. Posso ajudar, se você me contar. Me deixe entender.

Seraphina balança a cabeça contra meu peito.

— E-eu não posso. Não posso contar, porque você vai me odiar.

— Eu nunca conseguiria odiar você — respondo, com sinceridade. Eu a *amo*. Não amo algumas partes dela, como a pessoa que ela era momentos atrás, ao matar essa mulher. Mas amo com todas as forças a pessoa que está em meus braços. — Você disse que essa mulher tinha uma dívida com você, Seraphina. O que era?

A princípio, Seraphina não diz nada.guardo pacientemente, esperando que, se não forçar a barra, talvez ela se sinta mais confiante para me contar. Eu a abraço com delicadeza.

— Eu tinha dez anos quando a conheci — começa ela, mas então faz silêncio novamente.

Ansioso. Desesperado. Perplexo. São algumas das mil maneiras como estou me sentindo. Mesmo assim, tento permanecer calmo.

— Eu nunca quis trair você — diz Seraphina.

Sinto que ela está mudando de assunto, evitando falar da mulher.

— Mas eu sabia que você precisava se afastar de mim — continua ela. — E eu não conseguia me obrigar a partir. Eu tentei. Mas não consegui. Por isso menti para você a respeito de tudo. Comecei a dormir no Abrigo Dezesseis.

Essa é a parte que não quero ouvir, mas sei que preciso.

Eu a aperto mais forte, tentando dar um jeito de me preparar tanto para a dor que vou sentir quanto para a dor que vou causar nela, antes que esta noite termine.

— E-eu dormi com ele, com Marcus, o cara que cuidava daquele abrigo. Cerro os dentes e respiro fundo.

Permaneço calmo.

Permaneço em silêncio.

Quero arrancar o couro dela.

— Fiz isso porque queria que você descobrisse.

— Por que você queria que eu descobrisse? — Minha voz é controlada, cuidadosa.

— Porque eu queria...

Ela para.

Estou ficando mais impaciente. Sinto as amarras de couro da cadeira escorregando entre meus dedos e me imagino prendendo Seraphina.

— O que você queria? — pergunto, o queixo apoiado no topo de sua cabeça.

— Eu queria magoar você.

— Por quê?

Eu te amo.

Eu te odeio.

— Porque amor é dor — responde ela, e engulo a verdade de sua confissão. — Porque o amor é a maior mentira de todos os tempos. E porque, por mais que eu te ame, eu também te *odeio* por você me fazer te amar!

De repente, sinto uma ferroadada.

O calor sobe pela minha coxa, se espalhando pelas veias.

A sala começa a ficar borrada, no início só de leve, mas o bastante para revelar na mesma hora que estou em apuros. Tento livrar minha mente da droga, mas é forte demais e envolve minha consciência como a teia de uma aranha ao redor da presa.

Não percebi quando Seraphina saiu de meus braços, nem quando caí no chão de concreto.

Gasolina. O ar frio está impregnado dela, tanto que começa a queimar minhas narinas.

— Amor... cadê você? — pergunto, mas não consigo saber se as palavras saíram mesmo de meus lábios. — Seraph...

Minhas pálpebras estão ficando mais pesadas. Chamas. O ar não está mais frio. Está quente pra caralho. Quero afrouxar a gravata para respirar, arrancar o paletó, mas não consigo mexer os braços.

— Eu te amo, Fredrik. — Ouço a voz dela sussurrando em meu ouvido, suave como vinho, fatal como veneno. Quero beijá-la, sentir seus lábios suculentos nos meus. Quero pressionar o quadril contra o dela até Seraphina gritar. — Eu te amo... e, porque te amo — me sinto sendo arrastado pelo chão —, você precisa me libertar.

A fumaça machuca minha garganta e meus pulmões, entrando pelos poros e sufocando os vasos sanguíneos. Sinto que estou sendo cozido de dentro para fora. O calor está ficando insuportável, as chamas engolindo as vigas de madeira que sustentam o teto do porão. Não consigo enxergar através das pálpebras semicerradas, mas ouço as chamas lambendo as paredes, como mil demônios que surgiram do inferno para me atormentar.

— Seraphina... — grito, com a voz rouca de dor, todo tipo de dor. — ... Seraphi...

~ ~ ~

Acordo na manhã seguinte em um gramado frio, o sol batendo no rosto. A fina camada de neve branca ao redor do meu corpo está manchada pelo preto da fuligem em minhas roupas. Olho para o céu, tão limpo e azul, e vejo, de canto de olho, um filete de fumaça cinza subindo no ar.

Com dificuldade, tento me levantar, mas só consigo virar de lado. A grama seca espeta minha bochecha. A neve derrete com o hálito quente que sai da minha boca e das minhas narinas, formando uma cavidade perto do meu rosto. Estou congelando, mas mesmo assim sinto calor, o que não faz sentido.

A fina camada de fumaça que se ergue por cima das copas das árvores nas proximidades está saindo do que resta da minha casa.

Ela não me deixou lá dentro para queimar.

Por que me arrastou para fora?

Ao perceber isso, sinto uma dor aguda na nuca e ergo a mão para massagear a área com as pontas dos dedos. Ela teve que arrastar meu corpo pelos degraus de concreto.

Estou todo dolorido. Mas vivo. E não estaria, se Seraphina não quisesse.
Eu vou encontrá-la.
Nunca vou parar de procurá-la.
É um jogo perigoso o que jogamos, o que sempre jogamos. Só que, desta
vez, ela aumentou a aposta.
E eu vou entrar com tudo.